



ÉTICA, ESPIRITUALIDADE E CONSUMO uma leitura a partir de Gilles Lipovetsky¹

*ETHICS, SPIRITUALITY AND CONSUMPTION
a reading based on Gilles Lipovetsky*

Alan Gracioto Alexandre² e Fábio Augusto Darius³

RESUMO

O presente artigo analisa a ética, espiritualidade e consumo contemporâneos à luz dos escritos do francês Gilles Lipovetsky, nascido em 1944 e ainda prolífico escritor. Segundo o pensador, vivemos na era da Hipermodernidade - termo por ele cunhado em 2004 em sua obra *Tempos Hipermodernos* - caracterizada por excessos e saturações, o que resulta na perda de sentido e significado existencial. O sistema de produção em larga escala, iniciado no século XIX, criou uma ética consumista focada no indivíduo. Com a personalização do consumo estabelecida a partir da segunda metade do século XX, o ato de comprar assumiu uma postura de certa forma espiritualizada e emocional. No entanto, os indivíduos não se sentem mais felizes diante da autonomia que lhes foi outorgada. Para lidar com essa desorientação, Lipovetsky apresenta a possibilidade da 'ecologia do espírito', um meio de desenvolvimento espiritual e promoção da inteligência humana capaz de equilibrar o indivíduo em seu meio cultural, social e político. Para tal pesquisa e conclusões, fez-se um levantamento bibliográfico a partir de três obras

¹ Artigo recebido em 10 de setembro de 2025, e aprovado pelo Conselho Editorial em reunião realizada em 23 de outubro de 2025, com base nas avaliações dos pareceristas ad hoc.

² Professor de História no Instituto Adventista de Ensino de Santa Catarina. Graduado em História (UNASP-EC). Pós-graduado em História e Arqueologia do Antigo Oriente Próximo (UNASP-EC). Pós-graduado em História, Filosofia e Sociologia (PUC-RS Online). Mestrando em Filosofia pelo Programa de Pós-Graduação em Filosofia (PPGF) da Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUC-PR). Lattes: <https://lattes.cnpq.br/7059966648728988> ORCID: <https://orcid.org/0009-0000-7428-9415> E-mail: alagracioto@outlook.com

³ Doutor em Teologia pela Escola Superior de Teologia de São Leopoldo, na área "Teologia e História" (2014/1) e pesquisador de História da Igreja. Possui mestrado nessa mesma instituição (2010/1) e graduação em História pela Fundação Universidade Regional de Blumenau FURB (2006/2). Docente no Centro Universitário Adventista de São Paulo na Faculdade Adventista de Teologia (FAT). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6296009029079452> ORCID: <http://orcid.org/0000-0001-6877-940X> E-mail: fabio.darius@acad.unasp.edu.br

fundamentais do pensador: A Era do Vazio (2005), A Felicidade Paradoxal (2007) e A Cultura-Mundo (2011) em relação a várias outras fontes filosóficas contemporâneas.

Palavras-chave: Ética. Hipermmodernidade. Cultura. Espiritualidade. Consumo.

ABSTRACT

*The present article analyzes contemporary ethics, spirituality, and consumption in light of the writings of the French thinker Gilles Lipovetsky, born in 1944 and still a prolific writer. According to the philosopher, we live in the era of Hypermodernity—a term he coined in 2004 in his work *The Hypermodern Times*—characterized by excess and saturation, leading to the loss of meaning and existential purpose. The large-scale production system, initiated in the 19th century, created a consumerist ethic focused on the individual. With the personalization of consumption established in the second half of the 20th century, shopping has taken on a somewhat spiritualized and emotional posture. However, individuals no longer feel happier despite the autonomy granted to them. To address this disorientation, Lipovetsky proposes the possibility of a “spiritual ecology,” a means of spiritual development and promotion of human intelligence capable of balancing the individual within their cultural, social, and political environment. For this research and its conclusions, a bibliographic study was conducted based on three of Lipovetsky’s key works: *The Empire of Fashion* (2005), *Happiness Paradox* (2007), and *Globalized Culture* (2011) in relation to various other contemporary philosophical sources.*

Keywords: Ethics. Hypermodernity. Culture. Spirituality. Consumption.

1 LIPOVETSKY E A ÉTICA CONTEMPORÂNEA

A presente pesquisa objetiva analisar o pensamento de Gilles Lipovetsky a respeito da ética contemporânea, principalmente no que diz respeito ao comprar/consumir, e seus reflexos na cultura e espiritualidade humanas. Em seus escritos, o filósofo francês insere a ética do presente num imperativo imediatista, que perdeu a esperança nas metanarrativas escatológicas, e busca no “aqui e agora” a felicidade.

A era hipermoderna, – como denomina Lipovetsky, – é marcada pelo esvaziamento da moral rigorosa e valorização da comunicação⁴. Isso significa que os valores existem, mas são resultados do diálogo flexível e respeito às diferenças.

⁴ Tal perspectiva por ele apresentada mostra uma nova fase da modernidade, que vai além da pós-modernidade. A hipermodernidade se caracteriza por uma intensificação de elementos modernos, marcada por excessos, saturação e individualismo exacerbado, tal como se percebe nos países capitalistas. Ao mesmo tempo, nesses mesmos lugares, verifica-se um declínio da espiritualidade e uma nova religião pós-moderna, no contexto em que “a humanidade está confrontada, pela primeira vez em escala global, com o risco real de aniquilamento total”. (MENDOZA-ÁLVAREZ, Carlos. **O Deus escondido da pós-modernidade:** desejo, memória e imaginação escatológica. Ensaio de teologia fundamental pós-moderna. São Paulo: É Realizações, 2011, p. 33)

Com a exaustão da moral rígida, as instituições orientadoras⁵ — que na modernidade dominavam a cena social e proporcionaram sentido para a existência — perderam sua força e os indivíduos se viram “desorientados”, “órfãos de pontos de referenciais de identidade”⁶. Tal pressuposto, embora percebido por Lipovetsky a partir da relação ser humano-consumo, já foi notado antes por Hannah Arendt ao perceber a profunda crise na educação nos anos 50 do século XX nos Estados Unidos e nesse contexto percebeu a perda de autoridade dos pais, professores e pastores e em seguida por Jürgen Habermas que escreveu que “as forças religiosas de integração social debilitaram-se em virtude de um processo de esclarecimento que, na medida em que não foi produzido arbitrariamente, tampouco pode ser cancelado”⁷.

Ao libertar-se dessas barreiras que constroem a liberdade individual, a sensação de isolamento e insegurança interior foram acentuadas, o que coloca o indivíduo numa “cela pessoal” solitária e vazia, porém propositalmente bela e sedutora, de acordo com o próprio Lipovetsky ao dizer que o “capitalismo artista é a formação que liga o econômico à sensibilidade e ao imaginário”⁸.

Decadência ou libertação? Diferentemente de outros estudiosos pessimistas, Lipovetsky vê no vazio uma possibilidade de criar valores que equilibrem o indivíduo em seu meio cultural, social e espiritual. A modernidade caracterizada pela submissão e rigidez a valores estabelecidos foi substituída pela era das possibilidades que reconhecem a adesão a valores comunicativos como um fator construtivo. No entanto, muito certamente para o filósofo francês, a perspectiva “espiritual” aqui evocada em muito transcende aquela visão religiosa e institucional e se aproxima daquela cunhada na primeira metade do século XX por Jaeger em seu clássico, ao falar da Paidéia como “todas as formas e criações espirituais e ao tesouro completo da sua tradição”, ou seja, “a essência de toda a verdadeira formação”⁹.

Para Lipovetsky, o vazio resultante da pós-modernidade está ligado à ordem econômica capitalista vigente, denominada: hipercapitalismo. Dentre os valores inalienáveis desse sistema estão a hiperprodução industrial e o hiperconsumo individual personalizado. Com a evolução da ordem produtiva industrial, uma nova

⁵ As tradições modernas apresentadas por Lipovetsky em suas obras abrangem diferentes modelos e metanarrativas, tais como a Família, a Igreja, o Partido, a Ideologia e a Religião — todas ligadas à cultura de classe e inclusas numa coletividade.

⁶ LIPOVETSKY, Gilles; SERROY, Jean. **A estetização do mundo: viver na era do capitalismo artista**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015, p. 36.

⁷ HABERMAS, Jürgen. **O discurso filosófico da Modernidade**. São Paulo: Martins Fontes, 2000, p. 113.

⁸ LIPOVETSKY; SERROY, 2015, p. 43.

⁹ JAEGER, Werner. **Paideia: a formação do homem grego**. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1986, p. 245.

cultura de massas foi criada, caracterizada pela criação de novas vontades e estabelecimento do hiperindividualismo hedonista.

Os parâmetros que em épocas anteriores fundamentaram a ontologia humana foram substituídos por valores individuais cada vez mais autocentrados vinculados ao hiperconsumo e hiperatividades oriundas desse consumo desenfreado, emergindo assim uma ética e espiritualidade inéditas. Trata-se aqui praticamente de uma “ética de rebanho” totalmente personalizada e personalizável, cujo resultado é, inevitavelmente, uma degradação espiritual sem precedentes, levando a religião à uma crise pelo “fato de que perdemos cada vez mais a capacidade contemplativa” do mundo e do outro”¹⁰. A relação *eu-tu* torna-se cada vez mais desprovida de significado. Afinal, “não é possível viver no puro presente. A vida seria completamente consumida se não fossem tomadas precauções para subjugar o presente rápida e completamente”¹¹. Por conta de tudo isso, os indivíduos hipermodernos enfrentam uma “crise espiritual, vulneráveis a enfraquecer ou desmorronar diante das adversidades que enfrentam sem defesas externas”¹².

Considerar os danos da cultura contemporânea e a possibilidade de transformá-la num imaginário responsável que equilibre o indivíduo em seu meio cultural e social nunca foi tão pertinente. A desorientação humana, percebida, por exemplo, por Pierre Teilhard de Chardin em seu *Some reflections on the spiritual repercussion of the atom bomb*¹³ evidencia índices alarmantes de ansiedade, depressão e outras condições psicológicas ao redor do mundo e ressalta a urgência dessa reflexão¹⁴.

Visto que a revolução política e as ideologias não orientam mais o mundo hipermoderno, qual é o método de orientação suficiente para educar os indivíduos e formar espíritos livres num universo saturado pela informação? Afinal, de acordo com o próprio francês:

¹⁰ HAN, Byung-Chul. **Vita contemplativa**: ou sobre a inatividade. Petrópolis: Vozes, 2023, p. 153.

¹¹ BUBER, Martin. **Eu e Tu**. São Paulo: Centauro Editora. 6. ed. 1974, p. 28.

¹² LIPOVETSKY, Gilles. **A Era do Vazio**: ensaio sobre o individualismo contemporâneo. Barueri, SP: Manole, 2005, p. 29.

¹³ CHARDIN, Pierre Teilhard de. **The Future of Man**. Nova York: Harper & Row, 1964. Em tal obra, o místico católico francês comenta que em nossos tempos nunca o ser humano conheceu tanto sobre ciência e tecnologia e, ao mesmo tempo, tão pouco de si mesmo, em um desequilíbrio jamais visto em toda história da humanidade.

¹⁴ No Brasil, entre 2020 e 2023 os casos de depressão aumentaram exponencialmente. De acordo com um levantamento feito pelo Instituto de Estudos de Saúde Suplementar (IESS), os beneficiários com a doença passaram de 11,1% para 13,5%, no período. Para leitura integral da matéria: GAMA, Guilherme. **Internações por ansiedade mais que dobram em quatro anos, diz estudo**. CNN Brasil, São Paulo, 25 jan. 2024, atualizada em 30 jan. 2025. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/internacoes-por-ansiedade-mais-que-dobram-em-quatros-anos-diz-estudo/>. Acesso em: 19 set. 2025.

[...] nenhuma ideologia política é capaz de entusiasmar as massas, a sociedade pós-moderna não tem ídolo nem tabu, nem sequer uma imagem gloriosa de si mesma, nenhum projeto histórico mobilizador, já somos governados pelo vazio, um vazio que não envolve, porém, nem tragédia nem apocalipse.¹⁵ (tradução própria)

Lipovetsky desconsidera a possibilidade de transmutação da ética consumista contemporânea por meio de políticas públicas, campanhas coletivas ou mudança do sistema econômico¹⁶. Esses modelos são insuficientes.

O contramodelo da globalização pode ser encontrado no ‘decréscimo convival’ e no ‘pós-desenvolvimento’? Também não. Pois, observemos, só um novo totalitarismo, um Estado Leviatã, poderia decretar semelhante inversão de lógica econômica. Isso, evidentemente, não é desejável, uma vez que os efeitos seriam piores do que o mal. Além do mais, essa problemática assemelha-se a uma utopia sem nenhuma possibilidade de ver a luz do dia por se opor frontalmente à febre consumista das economias emergentes e às aspirações do homem contemporâneo, que encontra nos prazeres fáceis e variados de consumo os temperos da vida que não encontra em outros lugares.¹⁷

Para lidar com os imperativos contemporâneos mencionados acima, o indivíduo hipermoderno pode basear suas escolhas racionais em uma espiritualidade construtiva, fundamentada em princípios que vão além das realizações imediatas. Essa abordagem ressoa com a problemática apontada pelo pensador, que reflete uma ética alternativa: o conceito da “ecologia do espírito”¹⁸.

A “ecologia do espírito” vai além da abordagem puramente ambientalista e foca no indivíduo em sua integralidade. Refletir sobre um imperativo ético que

¹⁵ LIPOVETSKY, Gilles. **La Era Del Vacío**: Ensayos Sobre El Individualismo Contemporáneo. Barcelona: Editorial Anagrama, 2000, p. 9. *“la ninguna ideología política es capaz de entusiasmar a la masas, la sociedad posmoderna no tiene ni ídolo ni tabú, ni tan sólo imagen gloriosa de sí misma, ningún proyecto histórico movilizador, estamos ya regidos por el vacío, un vacío que no comporta, sin embargo, ni tragedia ni apocalipsis.”*

¹⁶ Não são as recriminações veementes do antiliberalismo que vão ser capazes de responder à desorientação contemporânea e desenhar a fisionomia do mundo por vir: os caminhos da “salvação” hipermoderna estão em outro lugar [!] (LIPOVETSKY, Gilles; SERROY, Jean. **A Cultura Mundo**: Resposta a uma sociedade desorientada. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 42).

¹⁷ LIPOVETSKY; SERROY, 2011, p. 41.

¹⁸ O termo “ecologia do espírito” foi citado por Lipovetsky no encontro internacional “Educação 360”, em 2017. A ideia apresentada foge da exclusiva defesa do meio ambiente contra as operações humanas e se trata de pensar na sustentabilidade do indivíduo além da economia e meio ambiente. Esse seria um mecanismo para lutar contra o desequilíbrio existencial resultante do hiperconsumo e desenvolver uma cultura ecológica. Para atingir esse fim, a educação global com foco no ensino do meio ambiente, da saúde, da cultura geral e artes, deve ser integrada na formação humana. O termo sugere um equilíbrio entre o desenvolvimento espiritual e emocional do indivíduo e as demandas culturais e sociais da modernidade. Ele propõe que, diante da saturação consumista e da aceleração da hipermodernidade, é necessário cultivar práticas que promovam a inteligência emocional e o bem-estar espiritual para enfrentar o vazio existencial contemporâneo.

promova o desenvolvimento dos aspectos físicos, mentais, espirituais e sociais do ser humano pode ser eficaz na transformação ética e cultural, além de gerar resistência ao hiperconsumo. Os princípios que sustentam essa ética alternativa são tema de pesquisas e reflexões futuras, dada a ampla gama de possibilidades que podem ser integradas à espiritualidade humana. A fim de abordar essas questões e formular novas, o presente artigo está estruturado em dois subtópicos: o primeiro analisa os fundamentos do hiperconsumo e da cultura de massas ligada à ética imediatista; o segundo explora em maior profundidade a ética, a cultura e a espiritualidade hipermodernas, bem como a possibilidade da “ecologia do espírito”.

2 OS FUNDAMENTOS DO HIPERCONSUMO

Ao analisar a pós-modernidade, Gilles Lipovetsky utiliza o prefixo “hiper” para descrever a saturação contemporânea. Termos como hipermodernidade, hiperconsumo e hiperindividualismo são frequentemente empregados para caracterizar a cultura atual, marcada pelo imediatismo e excessos.

Na hipermodernidade, formou-se o hiperindivíduo narcisista, orientado por valores hedonistas de prazer e, ao mesmo tempo, desorientado de espírito. Esse “Narciso” caminha sozinho no deserto da vida, obcecado por si mesmo, desarmado e sem força interior e exterior. Afinal, sem o auxílio da família e da comunidade, tal caminhada se torna muito difícil e, conforme miríades de relatos, às vezes impossível.

O contexto hipermoderno é marcado pela queda das barreiras que separavam a economia da cultura. Diferentemente das eras anteriores, a era contemporânea traz consigo o capitalismo cultural, caracterizado pelo efêmero e pelo apreço aos lazeres instantâneos. Esse universo mercantil educa o indivíduo para o *carpe diem*, para o “aqui e agora”. É precisamente aqui que Christoph Türcke aborda de forma freudiana a sociedade excitada, transtornada pela absurdidade de percepções que só desfalecem o confundem o ser humano pós-moderno¹⁹. Nesse contexto, praticamente perde-se a fé em tudo aquilo que é humano ou criado, restando apenas o próprio corpo. Como escreveu Suffert, “quando os deuses morrem e os sistemas de valores desmoronam, o homem só encontra uma coisa: seu corpo. O domínio do físico. A droga, o sexo e a violência são os substitutos naturais dos deuses desaparecidos”²⁰.

Historicamente, a fusão entre economia e cultura aconteceu entre os séculos XIX e XX, quando a cultura de massa se afastou radicalmente do ideal de aperfeiçoamento pessoal e renúncia e promoveu, em vez disso, o hedonismo

¹⁹ Trata-se de TÜRCKE, Christoph. **Sociedade excitada**: filosofia da sensação. Campinas: Editora Unicamp, 2010. 323 p.

²⁰ SUFFERT, Georges. **Le cadavre de Dieu bouge encore**. Paris: Grasset, 1975, p. 25.

individualista e o divertimento generalizado. Provavelmente encontra-se o auge de tal percepção, naquele período, na *Belle Époque*, cujo final marcou desgraçadamente o início do século XX.

Vivemos em uma era de maior liberdade, impulsionada pela informação e pelos estímulos das necessidades. No entanto, a personalização que evoluiu o indivíduo moderno acabou por fraturar a socialização disciplinar. Nesse sentido, a hiperindividualização atrelada ao hiperconsumo não é inerente à natureza humana; ela foi ensinada. Com os primórdios da produção industrial, os indivíduos se afastaram das normas particularistas e locais, dando origem à cultura de massa. Segundo o autor:

[...] desculpar a vontade de despender, desvalorizar a moral da poupança, depreciar as produções domésticas, foi preciso inculcar novos modos de vida, liquidando os hábitos sociais que resistiam ao consumo mercantil. Foi livrando-se dos comportamentos tradicionais, arruinando as normas puritanas, fazendo cair no esquecimento as culturas camponesas e operárias que se constituiu o planeta do consumo de massa.²¹

Novas vontades são criadas diariamente, e não há mais freios para equilibrar o “turboconsumidor”. Em sua obra **A Felicidade Paradoxal** (2007), Lipovetsky divide a história do consumo de massas em três grandes fases, destacando, paralelamente, as transformações no imaginário humano decorrentes da nova era mercantil. O primeiro ciclo do consumo de massas se estendeu do século XIX até a Segunda Guerra Mundial (1939-1945) e formou os grandes mercados nacionais. Esses mercados só foram possíveis graças às infraestruturas modernas, como as estradas de ferro, o telégrafo e o telefone. Na fase I foram desenvolvidas máquinas de fabricação contínua que abriram caminho para a produção em massa. No entanto, as séries de mercadorias eram padronizadas, e apenas uma parcela da sociedade podia usufruir determinadas mercadorias.

Nesse período produtivo, a propaganda de consumo foi criada, e as grandes empresas investiram milhões de dólares nesse mecanismo para multiplicar suas vendas. O desejo foi multiplicado, atingindo pessoas não ligadas à burguesia. “A fase I inventou o consumo-sedução, o consumo-distração de que somos herdeiros fiéis”²².

A partir da segunda metade do século XX, um novo ciclo das economias de consumo emergiu. Com o fim da Segunda Guerra, o mundo capitalista testemunhou um crescimento econômico excepcional, causado principalmente pelo aumento dos níveis produtivos e extensão da regulamentação fordista da economia. Na verdade,

²¹ LIPOVETSKY, Gilles. **A Felicidade Paradoxal**: ensaio sobre a sociedade do hiperconsumo. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p. 130.

²² LIPOVETSKY, 2007, p. 31.

com o fim da Segunda Guerra Mundial, o mundo capitalista vivenciou um período de crescimento econômico sem precedentes, impulsionado por um aumento significativo dos níveis de produção e pela aplicação em larga escala do modelo fordista de regulamentação econômica. Esse sistema organizava a economia com base na produção em massa e na padronização dos processos industriais, ao mesmo tempo em que promovia uma maior regulamentação estatal, garantindo estabilidade aos mercados e aos trabalhadores. A combinação desses fatores resultou em uma expansão do consumo, aumento dos salários e maior poder de compra da classe média, consolidando um ciclo virtuoso de crescimento que marcou as décadas seguintes. Entretanto, o fordismo também começou a encontrar limites a partir da década de 1970, com a saturação dos mercados e as crises energéticas, dando início a um processo de transição para uma economia pós-fordista, mais flexível e orientada pelo consumo e pela inovação²³. Em outras palavras, o sonho consumista foi democratizado, alcançando a classe trabalhadora. Assim,

[...] a fase II fez aparecer um poder de compra discricionário em camadas sociais cada vez mais vastas, que podem encarar com confiança a melhoria permanente de seu meio de existência; ela difundiu o crédito e permitiu que a maioria se libertasse da urgência da necessidade estrita. Pela primeira vez, as massas têm acesso a uma demanda material mais psicologizada e mais individualizada, a um modo de vida (bens duráveis, lazeres, férias, moda) antigamente associado às elites sociais.²⁴

Paralelamente à democratização do consumo, surgiu a cultura imediatista que exaltava os prazeres instantâneos. Valores modernos como sacrifício, renúncia e disciplina foram substituídos por uma orientação hedonista focada no “aqui e agora”. A espiritualidade consumista ganhou espaço em meio à cultura materialista. Acerca das questões envolvendo religião e espiritualidade, escreveu Martin N. Dreher no prefácio do texto sobre História e Teologia da Reforma de Wilhelm Wachholz:

Na atualidade, a comunitariedade tende a desaparecer rapidamente. É certo que expressões comunitárias continuarão a existir por um bom tempo, mas há também sinais evidentes da materialização da ideologia do mercado em expressões eclesiológicas. Como o mercado se vale da estrutura do *shopping center* [que Lipovetsky trata com profundidade nas obras ‘O Império do Efêmero: A Moda e Seu Destino nas Sociedades Modernas’ e ‘A Felicidade Paradoxal: Ensaio sobre a Sociedade de Hiperconsumo’] e como se avolumam as vendas pela internet, vamos ser confrontados, cada vez mais, com a oferta de “cristianismo” como *shopping* e via mídia

²³ O período posterior à Segunda Guerra mundial que se estende até a primeira metade da década de 70 do século XX é conhecida pelos historiadores como os “Trinta Gloriosos”.

²⁴ LIPOVESTSKY, 2007, p. 32 e 33.

eletrônica. Numa sociedade em que quase não nos relacionamos mais e em que inclusive a relação sexual passa a ser uma ‘transa’-ção comercial, quase não faz mais sentido falar em pecado, pois esse sempre tem como pressuposto um próximo.²⁵

A fase III, iniciada na década de 1980 e ainda em vigor, é caracterizada pelo “consumo emocional”: “Quanto mais se consome, mais se quer consumir”²⁶. Diferente dos períodos anteriores, onde a ostentação movia o consumo, essa fase busca novas experiências. O consumo deixou de ser apenas material e assumiu uma dimensão psicológica.

Segundo Lipovetsky, essa transformação reflete o fenômeno do “marketing emocional”, em que marcas e produtos são projetados para despertar afetos e criar vínculos profundos com os consumidores. Nesse contexto, a aquisição de bens passa a ser uma forma de expressão pessoal e emocional, integrando o consumo à esfera íntima e afetiva da vida cotidiana.

Assim, na sociedade de hiperconsumo, o ato de consumir não atende apenas a necessidades materiais, mas se torna uma fonte de prazer e uma maneira de alcançar sentido e felicidade, mesmo que de forma efêmera e paradoxal. Esses *insights* são aprofundados ao longo do livro [Felicidade Paradoxal], onde o autor analisa como essa lógica se estende ao lazer e às relações sociais, moldando o comportamento contemporâneo de maneira ampla e abrangente.

A partir dos anos 1980, o capitalismo entrou em um novo ciclo de funcionamento. Com o enfraquecimento do sistema soviético, a maioria dos países desenvolvidos e em desenvolvimento foram integrados a uma ordem econômica que promoveu um hipermercado global²⁷.

Os entraves protecionistas e os enquadramentos administrativos foram eliminados uns após outros. A fim de obter empréstimos do FMI e do Banco Mundial, os países do Sul se empenharam em políticas de ajuste estrutural destinadas a promover a livre-troca, a redução das barreiras tarifárias e não tarifárias, a livre transferência dos capitais.²⁸

À medida que o desenvolvimento econômico mundial avançava, as instabilidades e desigualdades se intensificaram. O hipercapitalismo, embora tenha

²⁵ DREHER, Martin. Apresentação. In: Wachholz, Wilhelm. **História e Teologia da Reforma**. São Leopoldo: Sinodal, 2010, p. 6.

²⁶ LIPOVESTSKY, 2007, p. 38.

²⁷ Lipovetsky (2011) apresenta que a livre-troca planetária deveria trazer crescimento, estabilidade e redução da pobreza, mas o resultado colhido em muitas partes do mundo foi o agravamento da miséria, precariedade e incerteza do amanhã. Atado ao crescimento econômico e à acessibilidade de mercadorias, questões sociais não foram visitadas e em muitas regiões, agravadas. O hipercapitalismo acentuou a fragilização do nível de vida, a degradação da condição salarial e fomentou as desigualdades.

²⁸ LIPOVETSKY; SERROY, 2011, p. 33.

prometido progresso, trouxe também injustiças sociais. O mundo parece distanciar-se do ideal democrático.

Para atender às demandas de um mercado diversificado que valoriza a qualidade, as hierarquias de trabalho foram reestruturadas, responsabilizando cada indivíduo por seus próprios resultados. Essas mudanças têm gerado angústia, baixa autoestima e um senso crescente de desvalorização entre pessoas cada vez mais isoladas consigo mesmas. Talvez por isso, em 2014 “foi a primeira vez que os 200 milhões de norte-americanos com conta ativa no Facebook passaram, em média, mais tempo na plataforma (quarenta minutos por dia) do que socializando pessoalmente (38 minutos)”²⁹.

A era atual marca uma ruptura completa com o passado. Além do desenvolvimento de uma nova economia de mercado, testemunhamos um novo individualismo hiperconsumista. Atualmente, o consumo é guiado por preferências e critérios individuais. A era do hiperconsumo foi inaugurada, e as necessidades são determinadas por uma lógica desinstitucionalizada, subjetiva e emocional.

Queremos objetos ‘para viver’, mais que objetos para exibir, compramos menos isto ou aquilo para nos pavonear, alardear uma posição social, que com vista a satisfações emocionais e corporais, sensoriais e estéticas, relacionais e sanitárias, lúdicas e distrativas. Os bens mercantis funcionavam tendencialmente como símbolos de status, agora eles aparecem cada vez mais como serviços à pessoa³⁰.

Lipovetsky utiliza o termo “cultura-mundo” para descrever o hipermercado contemporâneo, um sistema que uniformiza a política, a sociedade e os modos de vida cotidiana sob a égide da economia. Isso não implica que as diversas culturas e expressões estejam ameaçadas de extinção, mas sim que são moldadas por uma lógica globalizada que utiliza os meios de comunicação para disseminar um padrão consumista comum.

A partir dos anos 80 do século XX, os valores individualistas modernos foram intensificados, dando origem a uma cultura narcísica e mercantil. A indústria cultural deixou de ter um papel puramente antropológico e passou a servir ao sistema econômico. Todos estamos imersos nessa ética de consumo, na qual o indivíduo é o protagonista.

²⁹ FISHER, Max. **A máquina do caos**: como as redes sociais reprogramaram nossa mente e nosso mundo. São Paulo: Todavia, 2023, p. 37.

³⁰ LIPOVETSKY, 2007, p. 42

3 ÉTICA, CULTURA E ESPIRITUALIDADE HIPERCONSUMISTAS

A ética hipermoderna abandonou as escatologias revolucionárias e baseia-se nos valores estabelecidos nos séculos XVII e XVIII, embora com algumas distinções. Essa mudança histórica é um produto da cultura de consumo, que se universalizou através dos meios de informação e comunicação³¹.

Valores hedonistas, permissivos e psicológicos enfatizados na hipermodernidade foram adaptados à economia e ampliaram o individualismo moderno. Foi assim que surgiu o hiperindividualismo, uma transição classificada por Lipovetsky (2005) como a “segunda revolução individualista”³².

A personalização transformou as sociedades disciplinares democráticas e reformulou a sociologia global para um sistema que legitima os valores hedonistas, o culto ao indivíduo, a busca pela libertação pessoal, o respeito às diferenças e autonomia individual. Esse processo atualizou o individualismo para uma forma narcisista, onde cada pessoa busca seu bem-estar pessoal, priorizando a realização emocional sobre discursos futuristas.

Contrariamente ao argumento de alguns críticos, essa personalidade não é associal nem isolada, mas sim conectada a grupos coletivos e solidários que compartilham interesses pessoais comuns, como “reagrupamentos de pais de filhos homossexuais, de alcoólatras, de gogos, de mães lésbicas, de bulímicos”³³.

[...] o individualismo hipermoderno não é apenas consumista; é ao mesmo tempo expressivo, interativo, participativo, está em busca de interação múltipla. Se o consumo funciona com frequência como um consolo para as misérias da vida, o novo tropismo comunicacional revela as insatisfações da vida “passiva” absorvida pelo consumismo.³⁴

A cultura-mundo moldou um indivíduo que se libertou da ordem disciplinar, do puritanismo e das grandes narrativas revolucionárias, porém, paradoxalmente,

³¹ Ao tratar da disseminação da cultura mundo, Lipovetsky (2011) classifica o cinema e posteriormente a internet como meios para fornecer um modelo cultural consumista a ser seguido. A indústria cultural se apropriou da comunicação para criar ídolos planetários. No século XXI, com o advento das redes sociais todos estão inseridos numa rede de comunicação que desregulou o espaço-tempo da cultura.

³² Nas sociedades disciplinares o indivíduo tinha que se adaptar às instituições orientadoras. A pós-modernidade é a libertação, o que cria a possibilidade do indivíduo ser autêntico e fazer suas escolhas privadas. De acordo com Jonathan Haidt: “Sinto que ocorreu uma mudança profunda na década de 2010. Nos campi universitários, parece ter havido uma transição do modo descoberta para o modo defesa. Na política americana, as coisas estão ainda mais esquisitas. Tenho dificuldade em compreender o que acontece conosco e como a tecnologia nos transforma [...] a vida baseada no celular produz uma degradação espiritual não só entre adolescentes, mas em todos nós”. (HAIDT, Jonathan. **A geração ansiosa**: como a infância hiperconectada está causando uma epidemia de transtornos mentais. São Paulo: Companhia das Letras, 2024, p. 231.)

³³ LIPOVETSKY, 2005, p. 23.

³⁴ LIPOVETSKY; SERROY, 2011, p. 79 e 80.

ele se encontra vazio de espírito e desorientado. A ética, cultura e espiritualidade hiperconsumistas relegam as questões ontológicas a segundo plano, deixando-nos em busca de um método de orientação para encontrar sentido existencial.

No aspecto material, os bens semicoletivos³⁵ deram lugar às mercadorias personalizadas, marcando a entrada na “era da individualização e da psicologização em massa”³⁶. O consumo passou a ser visto como uma forma de realização pessoal e tornou-se parte integrante da espiritualidade humana.

Esse novo paradigma reflete o imaginário atual, que está vinculado a um sistema que prioriza o indivíduo livre e igual como base da ordem social e política. Ao mesmo tempo, o hiperconsumo é instituído como uma forma de libertação das antigas rigidezes disciplinares e acatado como meio para lidar com a desorientação.

Não são mais a religião, os partidos ou as ideologias os referenciais últimos da ordem democrática. Esses pilares foram fraturados, e, em seu lugar, as bandeiras da liberdade individual foram reafirmadas³⁷: “Pela primeira vez na história, as regras da vida social, a lei e o saber não são mais recebidos de fora [...], mas construídos livremente pelos homens, únicos autores legítimos de seu modo de ser coletivo”³⁸. Temos aqui praticamente a realização tardia do sonho do renascentista Pico Della Mirandola, que provavelmente não poderia imaginar as vicissitudes pós-modernas:

Tu, pelo contrário, não constrangido por nenhuma limitação, determinarás-las para ti, segundo o teu arbítrio, a cujo poder te entreguei. Coloquei-te no meio do mundo para que daí possas olhar melhor tudo o que há no mundo. Não te fizemos celeste nem terreno, nem mortal nem imortal, a fim de que tu, árbitro e soberano artífice de ti mesmo, te plasmasses e te informasses, na forma que tivesses seguramente escolhido. Poderás degenerar até aos seres que são as bestas, poderás regenerar-te até às realidades superiores que são divinas, por decisão do teu ânimo.³⁹

Ao explorar as raízes da mentalidade contemporânea e da atual cultura de consumo de massas, Lipovetsky (2011) revela a lógica que norteia o hipermercado: diversificação e renovação. Para que a economia cresça e o mercado prospere, é

³⁵ Fazendo uma citação à Robert Rochefort, Gilles Lipovetsky (2007) descreve a lógica de consumo “semicoletiva” como o equipamento do lar, na qual todos os membros da família usufruíam. Os exemplos citados pelo autor são: um telefone, uma televisão e um carro por família. A fase II de consumo libertou-se dessa lógica e aflorou o gosto pelos equipamentos individuais.

³⁶ LIPOVETSKY, 2007, p. 100

³⁷ Os valores individualistas foram reafirmados na cultura de massa hipermoderna pelo fato de terem sido estabelecidos no século XVIII, com a consagração dos princípios de liberdade individual e igualdade de todos perante a lei.

³⁸ LIPOVETSKY; SERROY, 2011, p. 47

³⁹ MIRANDOLA, Giovanni Pico Della. **Discurso sobre a dignidade do homem**. Lisboa: Edições 70, 1989, p. 56-57.

necessária a constante criação de novas marcas e produtos, o que acaba gerando uma postura instável e desorientada no neoconsumidor.

Por ser destinada ao consumo mercantil, a cultura de massa deve renovar constantemente sua oferta, com produtos que, mesmo que não escapem a fórmulas-padrão, devem apresentar-se como singulares: é uma lógica de diversificação e de renovação permanente, uma lógica da novidade e da obsolescência acelerada que comanda as indústrias culturais.⁴⁰

Com a aceleração hipermoderna, o efêmero e o não-durável foram exaltados. Isso se reflete claramente nas mercadorias e expressões humanas, projetadas para não durar. Os ideais passados, que elevavam e comoviam as pessoas com valores transcendentais e permanentes, foram superados por vanguardas que se concentram apenas no momento presente.

A fase atual do consumo de massa já não enfrenta resistências culturais e ideológicas estruturais. A mercantilização pôs fim aos modos de vida permanentes, e todas as pessoas, em maior ou menor grau, são orientadas pelo *ethos* consumista. “Todas as inibições, todas as barreiras ‘arcaicas’ foram liquidadas; permanecem em ação apenas a legitimidade consumista, as incitações aos gozos do instante, os hinos à felicidade e à conservação de si”⁴¹.

Essa mudança de paradigmas transfigurou a noção espiritual. A espiritualidade, que antes atuava como um agente de resignação, já não constitui uma barreira ao avanço do imaginário hiperconsumista. O cristianismo, símbolo de sacrifício e da noção de pecado, foi suavizado pelas ideias de prazer e desejos hedonistas. O ideal de “carregar a sua cruz”⁴² escapou do imaginário humano. Com a ascensão de valores centrados no prazer e no hedonismo, o cristianismo, tradicionalmente associado ao sacrifício e à noção de pecado, passou por uma reformulação cultural. A ideia sacrificial, tal como as ordens mendicantes da Idade Média ou mesmo o monaquismo contemporâneo, perdeu força no imaginário moderno. Em seu lugar, emergiu uma ética voltada para a busca de satisfação pessoal e a expressão dos desejos, típica das sociedades de consumo e do individualismo contemporâneo. Essa transformação reflete um deslocamento das virtudes ascéticas para valores que enaltecem o bem-estar e a realização pessoal

⁴⁰ LIPOVETSKY; SERROY, 2011, p. 72

⁴¹ LIPOVETSKY, 2007, p. 130.

⁴² O princípio de “tome a sua cruz” foi pronunciado por Jesus e encontra referência no Novo Testamento em Mateus 16.24-28; Marcos 8.34-9.1; Lucas 9.23-27. Esse é um apelo de Cristo à renúncia do próprio eu como condição para a redenção. Essa enunciação é integrada a uma difícil espiritualidade capaz de cumprir a promessa de proporcionar a dimensão necessária para o desabrochamento completo da pessoa, algo que a espiritualidade consumista é incapaz de proporcionar (LIPOVETSKY, 2007).

imediate, diluindo a centralidade do sacrifício e da culpa como guias de conduta moral. Nesse contexto, o “profeta” da pós-modernidade diz que:

A moral já não é mais um reflexo das condições que promovem vida sã e o crescimento de um povo; não é mais um instinto vital primário; em vez disso se tornou algo abstrato e oposto à vida – uma perversão dos fundamentos da fantasia, um “olhar maligno” contra todas as coisas. Que é a moral judaica? Que é a moral cristã? A sorte despida de sua inocência; a infelicidade contaminada com a idéia [sic] de “pecado”; o bem-estar considerado como um perigo, como uma “tentação”; um desarranjo fisiológico causado pelo veneno do remorso.⁴³

A reinterpretação global do cristianismo ajustou a espiritualidade aos preceitos individuais difundidos pelo capitalismo de consumo. À medida que as concepções mundanas são integradas ao sagrado, a mercantilização da religião cresce, levando os indivíduos a buscar em agentes externos os meios para obter sentido e completude espiritual. “A fase III é a que vê esfumar-se o abismo entre o *Homo religiosus* e o *Homo consumericus*”⁴⁴.

Perseguir a autenticidade⁴⁵ superou a busca pela verdade. Contudo, a espiritualidade consumista é insuficiente e provoca desorientação a todos os inseridos na ética do “turbocapitalismo” e do “turboconsumidor”: “Quanto mais os laços sociais e interindividuais se tornam frágeis ou frustrantes, mais triunfa o consumismo como refúgio, evasão, pequena ‘aventura’ remediando a solidão e as dúvidas sobre si próprio”⁴⁶. Nesse sentido, Byung-Chul Han assevera que “sem ideia, sem horizonte de sentido, a vida define em mera sobrevivência ou, como hoje, em **imanência do consumo. Consumidores** não têm esperança.”⁴⁷.

Diante dessa impossibilidade, Lipovetsky emprega a expressão “ecologia do espírito”. Uma maneira de formar espíritos livres e críticos diante da superfatura indiferenciada contemporânea. No encontro internacional “Educação 360”, ocorrido em 2017, o pensador não ofereceu detalhes sobre a profundidade do conceito, porém sabe-se que está atrelado à educação, promoção da cultura e inteligência espiritual.

Refletir sobre a sustentabilidade do indivíduo além da economia e do meio ambiente é uma necessidade urgente para fornecer orientação a uma sociedade

⁴³ NIETZSCHE, Friedrich Nietzsche. **O Anticristo**. São Paulo: Montecristo, 2012, p. 27.

⁴⁴ LIPOVETSKY, 2007, p. 133

⁴⁵ Segundo o Dicionário de Filosofia de Nicola Abbagnano (**Dicionário de Filosofia**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012) o termo *autêntico* foi apropriado por filósofos como Jaspers e Heidegger e devem ser empregados em seus devidos contextos. Porém, de modo geral, autenticidade pode ser definida como o “mais profundo, em contraposição ao mais superficial”, ou seja, o que é permanente do ser e que não se esvazia. A autenticidade é inerente ao ser e não é acolhida ou imitada.

⁴⁶ LIPOVETSKY; SERROY, 2011, p. 56

⁴⁷ HAN, Byung-Chul. **O espírito da esperança**: contra a sociedade do medo. Petrópolis: Vozes, 2024, p. 37.

desorientada. Os princípios suficientes para proporcionar esse equilíbrio podem estar fundamentados em questões transcendentais, desconectadas do hiperconsumo. Mas como educar os indivíduos em um universo saturado de informação? Este é o grande desafio que enfrentamos.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o advento da hipermodernidade e consequente fragmentação das instituições modernas orientadoras, o vazio passou a fazer parte da ontologia humana. A personalização decorrente das transformações econômicas dos séculos XIX e XX valorizou o indivíduo e abriu espaço para uma nova cultura orientada pelo consumo.

Apesar de oferecer benefícios evidentes para a sociedade humana, o consumo emocional da hipermodernidade é ineficaz na promoção de sentido e destrutivo para o ambiente natural. A lógica do “sempre mais” desperta um senso de urgência por novas mercadorias em busca de completude espiritual, mas não tem sucesso.

Em seus escritos, Gilles Lipovetsky aponta que o consumo contemporâneo extrapola os bens de consumo. Ele está integrado à religião, lazer, experiências e busca pelo bem-estar. De certa forma a ética, a cultura e a espiritualidade humanas estão submetidas ao sistema mercantil.

Contudo, de forma surpreendentemente positiva, ao contrário de Byung-Chul Han e mesmo Zigmunt Bauman, o pensador vê no vazio hipermoderno uma possibilidade de aprendizagem e criação de novos valores. Talvez seja como Marx outrora pontuou ao dizer que “a situação desesperada da época em que vivo me enche de esperança”⁴⁸. A hipermodernidade não deve ser lida com lentes pessimistas e apocalípticas, pelo contrário, os tempos presentes oferecem meios para construir sistemas orientadores individuais mais diversos e amplos que os sistemas modernos.

Refletir meios para desenvolver a integralidade humana por meio da educação cultural, emocional e espiritual nunca foi tão necessário. A “ecologia do espírito”, citada por Lipovetsky, persegue a orientação num mundo desorientado, porém esse é um conceito que necessita de ampliação.

Diante desse debate, outros pensadores podem ser integrados à Lipovetsky. Resta a pesquisas posteriores problematizar os princípios norteadores da “ecologia do espírito”. São esses valores já existentes? É possível pensar numa ética orientada pela espiritualidade em um mundo tão complexo e diverso? Como desenvolver

⁴⁸ MARX, Karl. Cartas a Arnold Ruge. In: MARX, Karl. **Textos escolhidos**. São Paulo: Martins Fontes, 1999, p. 18.

espíritos críticos e livres sem interferir na individualidade do sujeito? Essas e outras questões podem construir um debate filosófico produtivo para o século XXI.

5 REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. Dicionário de Filosofia. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012.

BUBER, Martin. **Eu e Tu**. São Paulo: Centauro Editora. 6. ed.. 1974.

CHARDIN, Pierre Teilhard de. **The Future of Man**. Nova York: Harper & Row, 1964.

DREHER, Martin. Apresentação. In: Wachholz, Wilhelm. **História e Teologia da Reforma**. São Leopoldo: Sinodal, 2010, p. 5-6.

FISHER, Max. **A máquina do caos**: como as redes sociais reprogramaram nossa mente e nosso mundo. São Paulo: Todavia, 2023.

GAMA, Guilherme. **Internações por ansiedade mais que dobram em quatro anos, diz estudo**. CNN Brasil, São Paulo, 25 jan. 2024, atualizada em 30 jan. 2025. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/internacoes-por-ansiedade-mais-que-dobram-em-quatro-anos-diz-estudo/>. Acesso em: 19 set. 2025.

HABERMAS, Jürgen. **O discurso filosófico da Modernidade**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

HAIDT, Jonathan. **A geração ansiosa**: como a infância hiperconectada está causando uma epidemia de transtornos mentais. São Paulo: Companhia das Letras, 2024.

HAN, Byung-Chul. **Vita contemplativa**: ou sobre a inatividade. Petrópolis: Vozes, 2023.

HAN, Byung-Chul. **O espírito da esperança**: contra a sociedade do medo. Petrópolis: Vozes, 2024.

JAEGER, Werner. **Paideia**: a formação do homem grego. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1986.

LIPOVETSKY, Gilles. **A Era do Vazio**: ensaio sobre o individualismo contemporâneo. Barueri, SP: Manole, 2005.

LIPOVETSKY, Gilles. **A Felicidade Paradoxal**: ensaio sobre a sociedade do hiperconsumo. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

LIPOVETSKY, Gilles. **La Era Del Vacío**: Ensayos Sobre El Individualismo Contemporáneo. Barcelona: Editorial Anagrama, 2000.

LIPOVETSKY, Gilles; SERROY, Jean. **A Cultura Mundo**: Resposta a uma sociedade desorientada. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

LIPOVETSKY, Gilles; SERROY, Jean. **A estetização do mundo**: viver na era do capitalismo artista. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

MARX, Karl. Cartas a Arnold Ruge. In: MARX, Karl. **Textos escolhidos**. 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MENDOZA-ÁLVAREZ, Carlos. **O Deus escondido da pós-modernidade**: desejo, memória e imaginação escatológica. Ensaio de teologia fundamental pós-moderna. São Paulo: É Realizações, 2011.

MIRANDOLA, Giovanni Pico Della. **Discurso sobre a dignidade do homem**. Lisboa: Edições 70, 1989.

NIETZSCHE, Friedrich Nietzsche. **O Anticristo**. São Paulo: Montecristo, 2012.

SUFFERT, Georges. **Le cadavre de Dieu bouge encore**. Paris: Grasset, 1975.

TÜRCKE, Christoph. **Sociedade excitada**: filosofia da sensação. Campinas: Editora Unicamp, 2010.